

## **NARRATIVAS SOBRE SAÚDE MENTAL DE MULHERES DO PANTANAL DE AQUIDAUANA**

### **NARRATIVES ON WOMEN'S MENTAL HEALTH IN PANTANAL OF AQUIDAUANA**

Helen Paola Vieira Bueno<sup>1</sup>  
Vanusa Meneghel<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia. Professora na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana

<sup>2</sup>Psicóloga clínica, Mestre e Doutora em Psicologia

**Resumo:** Este estudo teve como objetivo investigar a saúde mental de mulheres que moram, estudam e/ou trabalham na área rural da cidade de Aquidauana, no estado do Mato Grosso do Sul, Brasil, sob a perspectiva dos Estudos Culturais. Trata-se de uma pesquisa do tipo exploratório-descritiva, de corte transversal, com o uso da abordagem qualitativa. Participaram da pesquisa 6 (seis) mulheres que moram, estudam e/ou trabalham na área rural da cidade de Aquidauana. Foram aplicados como instrumentos de pesquisa uma entrevista semiestruturada e um questionário sociodemográfico e ocupacional. Os resultados encontrados demonstraram a presença de transtornos mentais (*e.g.*, depressão, ansiedade, estresse) em mulheres e em familiares. As entrevistadas relataram que estão em tratamento médico e acompanhamento psicológico, afirmam que a família é muito importante para o tratamento e também acreditam ser a mulher a ter mais problemas na saúde mental. As narrativas das participantes do estudo relatam condições de vida difícil na região do pantanal. Também foi mencionado o papel

importante da mulher na cultura pantaneira, que foi se modificando ao longo do tempo, pois hoje ela já ocupa funções que eram somente do homem, mas que ainda há muito para se modificar. Com relação à pandemia de Covid-19, 50% das entrevistadas acreditam que sim se está mais protegido nas fazendas do pantanal e 50% acreditam que não.

**Palavras-chave:** Narrativas; Saúde mental; Mulheres; Pantanal.

**Abstract:** This study aims at investigating the mental health of women who live, study and/or work in the rural area of Aquidauana, in the state of Mato Grosso do Sul, Brazil, on the perspective of Cultural Studies. This is an exploratory-descriptive and cross-sectional research, using a qualitative approach. Six women who live, study and/or work in the rural area of Aquidauana have participated in the research. A semi-structured interview and a socio-demographic and occupational questionnaire were applied as research instruments. The results showed the presence of mental disorders (*e. g.*, depression, anxiety, stress) in women and their families. The respondents reported that they are in medical treatment and psychological support, they state that family is very important for the treatment, and also believe woman presents more mental health problems. The participants' narratives in the study report difficult living conditions in Pantanal region. It was also mentioned the important role of women in Pantanal culture, which has been modified over time, since nowadays they exercise functions that were only held to men, but there is still much to be changed. With regard to Covid-19 pandemic, 50% of interviewed women believes that they are better protected in the farms of Pantanal, whereas 50% alleges they are not.

**Keywords:** Narratives; Mental health; Women; Pantanal.

**Resumen:** Este estudio tuvo como objetivo investigar la salud mental de mujeres que viven, estudian y/o trabajan en el área rural de la ciudad de Aquidauana, en el estado de Mato Grosso do Sul, Brasil, desde la perspectiva de los Estudios Culturales. Se trata de una pesquisa exploratorio-descriptivo, transversal, com

abordaje cualitativo. Participaron de la investigación seis (6) mujeres que viven, estudian y/o trabajan en la zona rural de la ciudad de Aquidauana. Fueron aplicados como instrumentos de investigación una entrevista semiestructurada y un cuestionario sociodemográfico y ocupacional. Los resultados encontrados mostraron la presencia de trastornos mentales (p. ej., depresión, ansiedad, estrés) en mujeres y familiares. Las entrevistadas informaron que se encuentran em tratamiento médico y consejería psicológica, afirman que la familia es muy importante para el tratamiento y también creen que la mujer tiene más problemas de salud mental. Las narrativas de las participantes del estudio relatan condiciones de vida difíciles en la región del Pantanal. También se menciona el papel importante que la mujer tiene en la cultura del Pantanal, que se ha cambiado con el tiempo, ya que hoy en día ocupan funciones que eran solo de hombres, pero todavía ha y mucho por cambiar. Con respecto a la pandemia de Covid-19, el 50% de los entrevistados cree que sí están más protegidos en las fincas del pantanal y el 50% dice que no.

**Palabras-Clave:** Narrativas; Salud mental; Mujeres; Pantanal.

## Introdução

O presente artigo investigou sobre saúde mental de mulheres que moram e trabalham na área rural da cidade de Aquidauana, no estado do Mato Grosso do Sul, Brasil, sob a perspectiva dos Estudos Culturais. A literatura, por meio de estudos transversais, tem evidenciado a relação e associação entre o aparecimento dos transtornos mentais com algumas características populacionais, tais como: (i) condições de vida; (ii) mais frequentes entre as mulheres (relações desiguais de gênero; papéis femininos tradicionais - de esposas, mães e filhas, de cuidadora - fatores sociais que envolvem desemprego, situação de violência e condições precárias de vida e saúde); (iii) mais frequente entre os mais pobres; (iv) tríade escolaridade-rendimento-ocupação (observada maiores prevalências entre as pessoas que possuem baixa escolaridade e rendimento, que estão desempregadas ou em condições precárias de trabalho); e (v) cidades com baixa densidade demográfica (apresentam estrutura e organização deficitária em termos de oferta e consumo de

serviços, falta de oportunidades de trabalho, podendo ocasionar êxodo, especialmente entre os mais jovens) (FURTADO et al., 2019).

O transtorno mental define-se como uma doença com manifestações psicológicas e comportamentais associadas com sofrimento significativo e prejuízo no funcionamento físico e mental do indivíduo, causado por perturbação biológica, social, psicológica, genética, física ou química, podendo afetar pessoas de todas as idades. Na maioria dos casos podem ser diagnosticados e tratados de uma forma eficaz, fazendo com que a pessoa possa levar uma vida plena e produtiva. São identificados por sintomas como insônia, fadiga, irritabilidade, esquecimento, dificuldade de concentração e queixas somáticas, apresentam associação comprovada com variáveis relativas às condições de vida e à estrutura ocupacional, podendo ser duradouros, transitórios e/ou recorrentes. Dados da Organização Mundial de Saúde afirmam que o Brasil é o país da América Latina com maior prevalência de pessoas com depressão e ansiedade do mundo (FURTADO et al., 2019).

O município de Aquidauana é conhecido como “Portal do Pantanal”, por servir de acesso terrestre para o pantanal e sua principal atividade econômica é a pecuária extensiva de cria, cria e engorda de bovinos. O município tem baixo índice de imigrantes e a distribuição da renda é concentrada e excludente. A região das propriedades rurais tem ausência de transportes coletivos, falta de conservação das estradas, ação do ciclo das águas, que promovem dificuldades para o acesso aos serviços de saúde para os moradores desta região do pantanal (ROCHA FILHO, 2015; BUENO, 2017).

O pantanal é considerado a maior planície neotropical inundável do mundo. No Brasil, sua área alcança 138.183 mil quilômetros quadrados localizada na região Centro-Oeste, sendo que 64,64% dessa extensão estão no Estado do Mato Grosso do Sul (Nogueira, 2002). No pantanal, quatro grandes biomas se encontram, apresentando espécies de animais e vegetais, paisagens típicas do cerrado, do chaco, da mata atlântica e da Amazônia, sendo considerado um complexo de ecossistemas (Ribeiro, 2014). Economicamente, a região do pantanal de Aquidauana caracteriza-se pela presença das enormes fazendas, onde o gado é criado solto nas invernadas, constituindo-se a pecuária extensiva a principal atividade econômica. Esse sistema de produção tem contribuído para a conservação do pantanal (GUIMARÃES et al., 2018).

Trabalhar com narrativas orais implica pensar nas histórias familiares, nas tradições orais que passam de geração a geração, por meio do qual são repassados ensinamentos e lições de vida. As narrativas orais, mais do que o relato de um fato, são também histórias de vida, tesouros semeados na mente de quem um dia as ouviu (BARBOSA, 2011).

Para Custódio (2012), a oportunidade para as pessoas falarem sobre si e pensarem sobre suas vidas ao longo de suas histórias, torna-se a circunstância apropriada para que os narradores expressem o sentido de sua existência. Para a autora, além de fenômeno individual e psicológico, a memória é uma construção derivada das relações sociais estabelecidas pelos atores sociais. A memória é a presença do passado e ao mesmo tempo é o momento presente, pois é o momento atual que lança ao passado as indagações em busca de compreensão, possibilitando aos sujeitos que narram, uma reconstrução constante de si e do universo que habitam.

São os homens que constroem suas visões e representações dos diferentes acontecimentos que marcaram sua própria história (sem qualquer poder de alteração do que passou). Entretanto, o tempo atua modificando ou reafirmando o significado do passado, quando se recompõem narrativas de memórias sobre vida cotidiana, atividades culturais, conflitos ideológicos, entre outros (DELGADO, 2003). Para Ferreira (2010), o estudo das relações que os indivíduos mantêm entre si e com a sua sociedade ou cultura sempre esteve no centro das preocupações dos psicólogos sociais.

Este estudo realizou entrevista semiestruturada com seis (06) mulheres que moram e trabalham em área rural da cidade de Aquidauana. Uma entrevista pode representar a oportunidade para as pessoas falarem sobre si e pensarem sobre suas vidas ao longo de suas histórias (CUSTÓDIO, 2012). Assim, o tema e a perspectiva metodológica adotados para esta pesquisa permitiram investigar, a partir dos relatos, o conhecimento que essas mulheres possuem sobre saúde mental.

## **Percurso metodológico**

Foi realizada uma pesquisa do tipo exploratório-descritiva, de corte transversal, com o uso da abordagem qualitativa. O procedimento adotado para a coleta de dados contou com os seguintes passos: i) Submissão do projeto à Plataforma Brasil para autorização do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, para a realização da pesquisa; ii) Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE nº 46874721.8.0000.0021) foram aplicados os instrumentos: questionário sociodemográfico e a entrevista semiestruturada, aplicados mediante a assinatura no termo de consentimento livre e esclarecido do objetivo da pesquisa, no local (casa da participante), no dia e horário estabelecidos de comum acordo com a participante, que foram respondidos de forma anônima e numerados, de modo a proteger a identidade das participantes; iii) Devido a pesquisa ter sido realizada em meio a pandemia da SARS-CoV-2, seguiu-se todos os procedimentos de biossegurança na coleta de dados: uso de máscara, uso de álcool gel, distanciamento de 1,5 metros, entrevista gravada em espaço aberto e arejado.

O local do estudo foi à cidade de Aquidauana, no Estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. As participantes da pesquisa foram seis (06) mulheres que moram e trabalham na área rural desse município. A amostra foi voluntária e por conveniência (acesso como bola de neve). Para Vinuto (2014) "A amostragem em snowball ou bola de neve pode ser definida como um tipo de amostragem não probabilística, em que se utilizam cadeias de referência, além disso, é útil em pesquisas com grupos de difícil acesso".

A descrição e interpretação dos conteúdos coletados para análise baseou-se na proposta de Bardin (2011), que define a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas que visam indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às mensagens. A análise dos dados e a interpretação dos resultados foram divididas em categorias.

## **Resultado e discussão**

Para uma melhor compreensão do *locus* de estudo e do cenário desta pesquisa, faz-se necessário informar que desde sua fundação a base

econômica da cidade de Aquidauana é a pecuária de corte. O município possui grandes fazendas em que se predomina a criação extensiva de bovinos de cria, recria e engorda. Nas fazendas a mão de obra que mais se contrata é a do sexo masculino, visto que o cotidiano do trabalhador pantaneiro sempre esteve relacionado à lida com os animais.

Cabe ressaltar que existe uma divisão importante de atividades realizadas por homens e mulheres nessas propriedades rurais, fazendo com que as atividades destinadas às mulheres estejam mais limitadas a trabalhos domésticos, tais como serem limpadeiras e cozinheiras, sendo que a maioria delas não tem possibilidade de trabalho remunerado (BANDUCCI JUNIOR, 2007; GONÇALVES, 2008; RIBEIRO, 2014). Atualmente mais mulheres são proprietárias (geralmente por herança) e administradoras da sua fazenda nessa região do pantanal. Outra função remunerada exercida pela mulher nessa área rural é a de ser professora de alguma das escolas pantaneiras que funcionam nessa região do pantanal de Aquidauana.

Na presente pesquisa, foram entrevistadas seis (06) mulheres, caracterizadas na Tabela 1, identificadas pelas letras A, B, C, D, E e F. As participantes têm entre 29 anos a 70 anos, sendo uma (01) viúva, uma (01) solteira, uma (01) em união estável e três (03) casadas e todas tem filhos. Com relação à escolaridade, uma (01) possui mestrado, três (03) possuem nível superior completo e duas (02) possuem ensino fundamental incompleto. A renda familiar varia de 01 salário mínimo a mais de 05 salários mínimos. Com relação à ocupação, duas (02) são proprietárias rurais, duas (02) são professoras, uma (01) é produtora rural e uma (01) é doméstica.

**Tabela 1.** Caracterização dos dados sociodemográficos e ocupacionais das entrevistadas.

Entrevistada	Sexo	Idade	Estado Civil	Filhos	Escolaridade	Renda Familiar	Ocupação
A	F	70	Viúva	3	Nível Superior (Mestre)	Mais de 05 Salários Mínimos	Proprietária
B	F	47	Casada	1	Ensino Fundamental Incompleto	Mais de 04 Salários Mínimos	Proprietária

C	F	29	Casada	2	Nível Superior Completo	Mais de 03 Salários Mínimos	Produtora Rural
D	F	52	Solteira	3	Nível Superior Completo	02 Salários Mínimos	Professora de Escola Pantaneira
E	F	43	União Estável	3	Ensino Fundamental Incompleto	Salário Mínimo	Doméstica
F	F	49	Casada	3	Nível Superior Completo	Mais de 03 Salários Mínimos	Professora e Diretora das Escolas Pantaneiras

A saúde mental é uma necessidade a toda pessoa, seja em área urbana ou rural. Partindo deste princípio este estudo realizou uma investigação por meio de narrativas de mulheres de área rural do pantanal sobre saúde mental. Os relatos foram divididos em categorias descritos abaixo.

### **Categoria Saúde Mental**

Nessa categoria foram perguntadas para as entrevistadas:

*"O que você entende por saúde mental?"*

**Entrevistada A** - "Saúde mental eu acho que é praticamente o bem estar da pessoa [...] eu acho que tem que ser trabalhado a vida toda essa saúde mental, porque às vezes é até mais importante do que a saúde do corpo, não é verdade, pois a cabeça é o controle de tudo".

**Entrevistada B** - "[...] eu acho que tive depressão profunda, fiz tratamento, estou fazendo, já tem mais de doze anos esse tratamento, eu acho que é devido à vida que a gente leva, muito sofrida. E como que eu posso falar, hoje eu estou no paraíso, mas eu morei em lugar bem difícil, aí fico emocionada de lembrar e choro e, quando a gente supera, quando eu comecei a entender eu já vivia no pantanal, é uma coisa assim que era tão difícil, se eu te falar, nossa casa o teto dela era aqueles rancho de palha de bacuri ...".

**Entrevistada C** – “Saúde mental é autoestima, bem estar pessoal, tudo ligado ao financeiro, família, a saúde mental engloba muita coisa, mas a saúde mental mesmo é o bem consigo mesmo, eu entendo por isso, a gente se gostar”.

**Entrevistada D** – “Eu entendo que é estar bem consigo mesmo, você tem que ter um espírito de alegria, que você todo dia tem que pensar positivo, eu entendo isso, porque até para você ter uma saúde mental você tem que estar bem consigo mesmo né, você não trazer magoas no coração, buscar pensar em todos os seus dias o positivo que daí a sua mente sempre vai estar, como se fala, com condições de ter uma saúde, sempre pensando positivo, tendo uma alegria, tendo fé, você tem uma saúde mental”.

**Entrevistada E** – “Saúde mental eu acho que é algum problema de cabeça, alguma coisa assim, problema de saúde de cabeça”.

**Entrevistada F** – “Eu acredito que uma pessoa que se cuida, não deixa os problemas afetarem o seu dia a dia, a sua família, não envolver trabalho e família, apesar de isso ser difícil né, porque vamos colocar em cada uma delas na sua caixinha, eu acho que a gente tem que aprender que trabalho é trabalho, família é família e aí algumas coisas que surgirem você vai resolvendo, então se para você, no meu caso, para eu ter uma saúde mental mais ou menos equilibrada, eu não misturo família trabalho ou o meu problema de escola com a minha família, pois se eu fizer isso eu não consigo resolver nada, vou ficar preocupada, vou aumentar meu nível de estresse, vou criar problemas em cima de problemas”.

Os transtornos mentais são agrupamentos de sinais e sintomas associados a alterações do funcionamento psíquico, que perturbam o equilíbrio emocional e prejudicam o desempenho da pessoa na vida familiar, social, pessoal e laboral (BÁRBARO et al., 2009; DANTAS et al., 2011). Como podemos observar a maioria das entrevistadas relatam ter conhecimento do que é ter saúde mental, citando como exemplos bem estar pessoal, autoestima (se gostar), não ter nível de estresse elevado e a importância do tratamento.

Quando perguntado “*Quais atividades faz para melhorar a saúde mental?*” as entrevistadas responderam que:

**Entrevistada A** – “Hoje faço muito palavra cruzada, leio muito [...] a leitura além de ser bom para a mente é bom para a gente, eu acho a mente essencial, é a mesma coisa da gente perder a vista, cega pelo amor de Deus né”.

**Entrevistada B** –“Faço terapia, tratamento com médico psiquiatra, hidroginástica”.

**Entrevistada C** –“Leio muito, sobre religião, leio a bíblia para entender um pouco essa complexidade do ser humano, é bem complexo, atividade física eu faço para colocar a cabeça para pensar, só”.

**Entrevistada D** –“[...] faço minha oração, agradecendo a Deus por mais um dia e procuro não ficar presa em lembranças tristes, essas coisas assim, sou preguiçosa, hoje em dia eu não faço mais atividade física, tem uma pista bem aqui na frente e esses tempos eu estava caminhando porque a atividade física ajuda muito, então no momento eu não estou fazendo atividade física [...] mantenho minha alegria então com isso eu mantenho a minha saúde mental”.

**Entrevistada E** –“Não nenhuma, não nenhuma”.

**Entrevistada F** –“Ah eu caminho [...] às vezes estou em cima de um morro, estou em uma cachoeira, é eu tenho convívio com os amigos, eu acho que isso é de suma importância para que a gente tenha uma saúde mais ou menos equilibrada, tirando o que você não consegue resolver com caminhada, você procura um especialista”.

As entrevistadas afirmam que atividades físicas como caminhada e hidroginástica ajudam a manter a saúde mental, relatam a leitura, palavras cruzada como atividade, oração e a alegria também são fatores importantes para manter a saúde mental. Lourenço et al (2017) afirmam que a prática da atividade física como modalidade terapêutica inserida no contexto de vida da pessoa com transtorno mental serve como um meio de gerar benefícios para a saúde.

Com relação à pergunta *“Na sua opinião, quem tem mais distúrbios de saúde mental, homens ou mulheres?”* cinco das participantes responderam que é a mulher e a Entrevistada F respondeu que “hoje está meio a meio, tanto o homem quanto a mulher. O homem tem se apresentado bastante estressado, assim como algumas mulheres”.

As entrevistadas acreditam que a mulher tem mais distúrbio de saúde mental, corroborando estudos como o de Costa, Dimenstein e Leite (2014) em que a literatura aponta a escassez de investigações voltadas para a saúde mental em populações rurais, sendo as mulheres as mais vulneráveis para o surgimento de transtornos mentais. Senicato, Azevedo e Barros (2018) realizaram uma pesquisa para identificar transtornos mentais menores em mulheres adultas, sendo encontrado uma prevalência de 18,7% no estudo. Para as autoras, são muitos os fatores sociais envolvidos na saúde mental e no bem-estar das mulheres ao longo

da vida. Contudo, o estudo realizado concluiu que, no conjunto dos determinantes sociais da saúde, alguns apresentam maior relevância do que outros para a saúde mental feminina, sendo analisados indicadores socioeconômicos e demográficos e, observou-se que idade, cor da pele/raça, nível de escolaridade, ocupação, renda familiar per capita, estado conjugal e número de filhos estavam estatisticamente associados a esses transtornos mentais menores.

### **Categoria Família**

Na categoria família, as entrevistadas do estudo responderam quando perguntado que se *"Uma boa estrutura familiar pode evitar um transtorno mental?"*

**Entrevistada A** –“Sim eu acho que é muito importante a estrutura familiar eu acho que é uma coisa muito importante principalmente porque eu sou adepta a isso, pois eu, por exemplo, fiquei viúva com 39 anos, podia ter outro marido, mas eu achava que eu tinha que dar exemplo para meus filhos, eu tinha que dar aquela estrutura para meus filhos, entendeu, porque meu pai e minha mãe inclusive eles foram pessoas que se dedicaram para os filhos, meu pai principalmente foi muito pelos filhos, então eu segui essa regra de casa”.

**Entrevistada B**–“[...] eu consegui tudo isso por causa da minha filha e do meu sogro, que sempre me deram apoio [...] na época que eu tinha o lúpus eu tinha medo de mim, sabe, eu tinha medo é de olhar no espelho, tinha medo de horror mesmo, eu tinha aqui no rosto, no pescoço tudo era queimado, sabe aquela casca que se você puxasse saia inteira, eu parecia um monstro. Meu marido todo dia acordava do meu lado [...] sem a força deles eu não estava mais aqui porque [...] você muitas vezes tem vontade de desistir da vida, muitas vezes. Só que hoje, graças a Deus eu já não penso mais nisso, já saiu da minha cabeça essas coisas, eu já não penso nessa possibilidade porque eu já venci sabe, eu venci”.

**Entrevistada C** –“Pode sim, é a base eu acho para tudo. [...] quando você tem o apoio das pessoas, você coloca elas como base também para você, eu sempre coloquei minha mãe e meu pai como base e exemplo para mim”.

**Entrevistada D** –“[...] eu vou falar por experiência própria, eu estou com uma jovem de 14 anos, minha filha caçula, ela não conseguiu suportar o isolamento social, porque ela tinha uma rotina, estudava em escola integral, ela treinava basquete e ela tinha uma rotina intensa, intensa de rua,

escola, treino, aí veio o isolamento social, e ela teve que conviver somente com a tecnologia, então ela sentiu bastante, e mesmo ela tendo o apoio do pai, da mãe, da irmã dentro de casa, mesmo assim ela sentiu muito, nós não conseguimos somar com ela”.

**Entrevistada E** –“Eu acho que sim, com certeza”.

**Entrevistada F** –“Não, não pode, porque eu acredito que cada pessoa da tua família tem uma estrutura. Por mais que o pai e a mãe dê atenção, dê carinho eles sempre estão achando hoje que falta de alguma coisa, então fica bem difícil você trabalhar com isso, principalmente você trabalhar com jovens. [...] então eu acredito que por mais que as famílias sejam bem estruturadas, tenha um ou outro problema, você não consegue evitar que uma pessoa fique doente por várias razões, então por isso que eu acho que existem algumas famílias que conseguem, mas por tudo que eu já vi, eu acho que não”.

As entrevistadas responderam que uma boa estrutura familiar é muito importante para quem está com algum distúrbio mental. Elas citam o apoio familiar recebido para elas ou para algum membro da sua família como irmão e filhas com necessidade de cuidados na área da saúde mental. Marcon (2005) ressalta a necessidade das famílias serem apoiadas, acompanhadas, esclarecidas e fortalecidas no desempenho do cuidado cotidiano, especialmente quando há casos de convivência com uma doença crônica.

Importante destacar que a maioria das entrevistadas relata que foi buscado tratamento médico psiquiátrico e psicoterapia para se ficar bem, sendo que todas afirmam sobre a importância do tratamento, demonstrando assim, pelas narrativas, que possuem conhecimento sobre os cuidados necessários sobre saúde mental.

Quando perguntado se *"Existe alguém na sua família que tem algum transtorno mental? Qual?"* as entrevistadas responderam que:

**Entrevistada A** - “Sim, meu pai, por exemplo, teve início de Alzheimer, e minha mãe foi depressiva. Meus tios era, não sei bem ao certo, mas acho que também era depressão, esses problemas da vida mais difícil, era ansiedade e estresse. Minha mãe, ela morreu de depressão [...] hoje eu entendo isso, quando era menor eu, lógico, não entenderia isso, mas hoje entendo que foi isso mesmo, morreu depressiva”.

**Entrevistada B** –“Sim, meu irmão, está fazendo tratamento também para depressão. Ele começou já tem mais ou menos

uns seis meses, ele estava bem transtornado mesmo [...] graças a Deus eu falo com ele todos os dias e ele está bem”.

**Entrevistada C** - “Minha mãe teve depressão por muito tempo, alguns tios meus tem depressão, e que eu saiba só minha mãe faz tratamento”.

**Entrevistada D** - “Sim, minha filha de 14 anos ficou com ansiedade e está na psicóloga”.

**Entrevistada F** - “Não. Graças a Deus não, é só ansiedade do dia a dia mesmo”.

Nessa questão, a maioria das mulheres respondeu que a depressão é o distúrbio mental na família, mas também citam a ansiedade e o estresse.

### **Categoria Mulher e Cultura Pantaneira**

Na categoria mulher e cultura pantaneira as participantes responderam à pergunta “*Qual o papel da mulher na cultura pantaneira? Qual sua visão sobre isso?*”

**Entrevistada A** - “Eu acho que a mulher é uma pessoa mais instruída que o homem, eu acho assim, ela estuda mais, não estou dizendo por mim, estou dizendo pelas outras amigas mesmo, pelas outras pessoas que eu conheço né, por exemplo, [...] o mundo machista hoje supera, muita ideia que a mulher dá que não é aproveitada porque quem manda é o marido, não é ela, [...] no caso o meu pai, meu pai me ensinou muito, toda vida eu trabalhei [...] então eu acho que a mulher ela é muito, muito boa mesmo para ter ideias tanto para administrar quanto para tocar só que às vezes elas são barradas pelas ideias machistas que não aceitam”.

**Entrevistada B** - “Eu acho que têm muitas mulheres mais guerreiras do que os próprios homens no pantanal para suportar essa lida, que é difícil, é bem difícil então, muitas vezes, tem local que mora a mulher fica praticamente sozinha, o homem tem que sair para trabalhar em outros lugares e a mulher fica praticamente sozinha, eu falo que é a base, muito importante, uma guerreira [...] muitas vezes quando eu morei ficava assim [...] meu marido saia mais ou menos 4 horas da manhã para trabalhar em outro retiro e chegava só à noite, ali eu tinha que ficar tomando conta de tudo praticamente sozinha, então eu acho que muitas passaram por isso, são guerreiras mesmo”.

**Entrevistada C** - “Acho que a mulher se faz muito importante e necessária, ela é à base da cultura pantaneira, o homem é mais do serviço do campo, mas quem cuida mesmo do lugar onde mora, que faz as funções de cuidar da

casa e até dos animais é a mulher. Meu pai trabalhava no campo, mas minha mãe também trabalhava, ajudava ele, nós morávamos em um lugar que não tinha luz ou luz de motor, quem mexia a parte de consertar isso ai era minha mãe, a gente morava num lugar que tinha um burrinho, então tinha que consertar a valeta que caia água no burrinho, quem fazia era eu e minha mãe. Então a gente desenvolvia um papel mais que importante para fazenda, e hoje em dia modernizou, a mulher pode assumir um papel muito mais remunerado e importante, a gente fazia de graça tudo isso, uma coisa que hoje em dia as pessoas dão mais valor, mas a mulher é primordial, porque hoje em dia ela pode exercer várias funções, ela pode ser uma campeira, uma capataz e uma administradora da área rural”.

**Entrevistada D** - “Primeiro é que elas é que são as trabalhadoras, eu vejo assim. Porque quem está lá na luta são elas. Elas não vão pro campo, não sobem no lombo de um cavalo, mas elas ficam lá, três horas da manhã já estão no batente fazendo a comida pros peão, estão fazendo o quebra torto pro peão sair pro campo e quem está na lida são as mulheres, quem está na frente são elas. Eu tenho esse pensar, que além dela cuidar da família dela, dos filhos, do marido, eu vejo que o papel dela é muito importante. Hoje nós já temos uma mulher que dirige o ônibus, lá na escola, por exemplo, ela anda naquelas estradas pantaneiras com os alunos. Ela dirige para levar aluno, você vê ela parar em uma porteira de fazenda, tem onça, mas ela está ali para pegar aluno de madrugada e levar pra escola. Os alunos da escola pantaneira, eles saem de casa 4h30 para chegar ali na porteira pra pegar o ônibus, assim como nós, eu também acordo 4h30, para eles estarem em ponto na escola as 6h30”.

**Entrevistada E** - “Eu vejo assim, eu acho que pelo fato da gente morar no pantanal [...] A mulher tem que ajudar a trabalhar, porque se a gente está lá tem ajudar, trabalhar de alguma maneira”.

**Entrevistada F** - “Eu acredito que a mulher pantaneira, ela tem aquele olhar diferenciado. E tem muitas mulheres que optaram por fazer trabalhos voltados para a cultura pantaneira, para a valorização da mulher pantaneira, Nos últimos 5 anos, a mulher pantaneira se destaca em algumas situações, em alguns trabalhos e hoje não é só homem que administra fazenda, não é só homem que gerencia fazenda, a mulher também. A mulher ganhou um espaço bem maior do que antes, ela tem um papel fundamental hoje na manutenção da cultura pantaneira”.

No pantanal Sul-Mato-Grossense os costumes são passados de geração a geração e dentre os traços da cultura pantaneira está a

vestimenta de campeiro (consiste no tirador, couro em forma de saia para proteger a cintura e a perna na lida com o laço), botinas com esporas (servem para montar o cavalo e domá-lo), a guaiaca (cinturão que abriga a faca), chapéu de carandá (para proteger do sol); as festas (festejam São Sebastião, São João, São Pedro); o tereré (bebida típica da região, que consiste de erva-mate servida com água gelada); o quebra-torto (primeira refeição feita de arroz e/ou macarrão com carne seca, mais o café com leite, geralmente feita antes do amanhecer) (NOGUEIRA, 2002).

O cotidiano da mulher que mora, trabalha e ou estuda na região pantaneira está relacionada com as fazendas de gado, são pessoas com hábitos simples que se adaptaram ao ciclo das águas e que transmitiram seus costumes e os mais diversos modos de vida de geração a geração, que foram se transformando ao longo dos anos (BUENO, 2017).

Quando perguntado se "*Esse papel da mulher tem se modificado ao longo do tempo?*" as participantes da pesquisa responderam que

**Entrevistada A** – “Tem se modificado muito. Mudou muito, muito. Eu tive a vivência da minha mãe e do meu pai. Na época do meu avô, meu pai sempre trabalhou com meu avô né, depois que meu avô faleceu, que foi feito o inventário, meu pai pegou a terra dele para tocar, mas com muita dificuldade também, porque não foi fácil não naquela época, meu pai pegou terra bruta e minha mãe sempre junto dele, meu pai também era muito machista, ele não aceitava as ideias dela e ela queria expor as ideias dela e ele não aceitava, era onde virava o caos, mas mudou muito, nossa senhora”.

**Entrevistada B** – “Ah está mudando bastante, principalmente com a chegada de energia na região. Hoje em dia as mulheres não se sentem muito mais sozinhas, porque antigamente a gente não tinha a energia. Eu mesma, morei 7 anos em um local que não tinha energia elétrica, a energia era luz de motor e tinha hora para ligar e desligar. A gente usava lampião e vela. A gente fazia aquela luz de óleo com areia, era assim antes. Hoje em dia tem gente que mora no pantanal e nem conhece. Tem a tal da luz que é uma taboca com areia, que fica pegando fogo a noite inteira com o óleo que você põe, faz uma massa e fica queimando, hoje em dia ninguém conhece mais isso, não sabe nem fazer [...] e a lamparina, clareia que é uma beleza [...] chamava loucão porque ficava louqueando o fogo sabe”.

**Entrevistada C** - “Sim, o papel da mulher tem se modificado. A mulher antes fazia algo e não tinha a visão de que estava fazendo algo importante. Mas hoje em dia, todas as funções que a mulher exercia no passado, hoje a pessoa

é paga para fazer. Igual consertar um motor, arrumar um burrinho, hoje você tem que arrumar um funcionário para arrumar isso, para limpar o lugar, o praieiro (que cuida do entorno da casa da fazenda), a gente era praieira, varria, carpia, minha mãe também, plantava mandioca. Hoje tem que ter um funcionário para fazer isso, eram funções que a gente fazia, mas não dava importância, hoje em dia tem muita importância e valorização, valorizou com o tempo né, graças a Deus”.

**Entrevistada D** – “Quando as aulas estavam remotas, eu fui em todas as fazendas que moravam alunos, porque a gente entregava as atividades impressas. Eu fiz essa observação, eu fui olhando, tinha mulheres com luzes no cabelo, de cabelo pintado, com as unhas pintadas, sobrancelha feita. Eu achei só duas senhoras, sabe, com aquela roupinha surrada lá no finalzão da fazenda, as outras todas estavam parecendo que ia receber visitas. Elas estavam sentadas tomando tereré uma com as outras, bem arrumadas. Hoje em dia as mulheres são pantaneiras, mas elas vão a cidade, elas fazem compras, elas não estão mais como antigamente, que o marido é que ia pra cidade e fazia compra de mantimentos e ia embora, antigamente elas não tinham essa liberdade de estar vindo pra cidade. Hoje eles tem carro, a maioria deles, todos tem carro, todos que trabalham na fazenda, então eles vem na condução deles, então antes era assim, sem essa liberdade”.

**Entrevistada E** – “Sim, sim, com certeza, mudou com certeza. Ah eu acho que antes era mais sofrido, eu lembro da minha mãe mesmo, o que ela fazia eu não faço hoje, tipo ela lavava roupa no corixo, essas coisas assim na fazenda a gente fazia quando era criança com ela, hoje eu não faço mais. É tudo dentro de casa, tudo em casa, então até mesmo aquela coisa de sofrimento de baldear água, porque na fazenda não tinha água encanada, ela tinha que pegar no córrego, eu acho que isso aí mudou muito, mudou bastante, não tinha energia elétrica era lamparina, hoje a gente já tem energia em todas as fazendas, [...] antes era carreta de boi, onde eu moro, era 7 dias de viagem, hoje a gente faz com um dia de viagem de trator, se for de camionete já dura 4 a 5 horas, leva 1 dia quando é época da chuarada porque vem atolando, que vem dentro da água, com chuva, mas é gostoso porque é uma aventura, acaba sendo uma aventura para a gente [...] essa aventura faço todo mês, [...] a gente vem de trator porque é bastante gente e acaba não tendo como vir todo mundo de camionete porque não cabe, a gente vai vem até o retirinho, tipo rio, do retirinho a gente pega o ônibus e acaba de chegar, mas a parte mais crítica é o trator, vem na carreta do trator, é bem arrumadinha, daí pega o ônibus fretado que a fazenda contrata para trazer para a cidade, daí vem todo mundo, vem mais confortável”

Observa-se pelas narrativas que houve muitas mudanças na vida da mulher que mora nas fazendas da região do pantanal de Aquidauana. Assim, a energia elétrica – disponibilizada nas fazendas na década de 1990; a possibilidade de acesso as fazendas - do chamado pantanal baixo - em menor tempo; as escolas pantaneiras, que estão localizadas de forma a oferecer a oportunidade de educação para as crianças de todas as fazendas da região; mulheres exercendo funções antes somente exercidas por homens, como a de administrar fazenda e dirigir um ônibus escolar; ter mais acesso a área urbana (antes quem trabalhava nas fazendas ficavam de seis meses a um ano sem vir a cidade), tudo o que precisavam eram trazidos da cidade pelo patrão, ou o administrador ou o gerente da fazenda, são algumas das falas das entrevistadas sobre as mudanças ocorridas.

### **Categoria Covid-19**

Devido à pesquisa ter sido realizada durante a pandemia da Covid-19, optou-se por fazer perguntas às mulheres entrevistadas sobre o tema. Foi perguntado que:

*"Pelo fato de você morar na região do pantanal (de Aquidauana) você se sente mais protegido com relação ao Covid-19?"*

**Entrevistada A** – “De uma certa forma sim, só que lá no pantanal por exemplo, você tem aquele negócio de todo final de mês você mandar os peões para a cidade [...] o fazendeiro aluga van para levar os peões para fazer compra na cidade todo começo de mês, antes era o patrão que fazia a compra e levava [...] ninguém, ninguém pegou, [...] eu acho que é uma proteção. [...] então eu acho que tem sim uma certa proteção nesse negócio do Covid, pessoas que moram e que ficam assim direto na fazenda”.

**Entrevistada C** - “Sim, a gente não sentiu tanto a pandemia. A nossa região mesmo teve vários focos, a gente perdeu algumas pessoas. Teve uma professora [...] era a diretora do meu filho, agora parente mesmo não faleceu que mora aqui. A gente mora mais na fazenda, uns moram mais no pantanalzão mesmo, não tinha contato, meu pai mesmo mora na fazenda, vinha para a cidade, não tinha contato, a gente se preservou, usava álcool e máscara, na gente não deu”.

**Entrevistada D** – “Não, nem um pouco [...] se fosse como antigamente o patrão que trazia eles, eles estariam mais protegidos, porque aí o patrão ia trazer eles a cada três

meses ou a cada seis meses como era antigamente que traziam eles, hoje não, hoje eles circulam porque eles tem o próprio meio de locomoção, então eles não estão protegidos. Teve uma fazenda que o patrão contratou um pedreiro e ninguém estava vindo para a cidade, o pedreiro chegou lá e passou Covid para a fazenda inteira, todo mundo teve, foi lá fazer uma obra, contaminou todo mundo [...] morreu sim uma moça nova, deixou a filhinha, judiação, não suportou, teve comorbidade né, o organismo não suportou”.

**Entrevistada E** – “Olha, antes eu tinha essa ideia de que a gente estava bem protegido. Mas aí você acredita, que um praieiro lá da fazenda onde a gente estava ele pegou e ficou bem ruinzinho, a gente quase perdeu ele, quase perdeu [...] ficou três pessoas que deu positivo [...] daí ele veio para a cidade, depois foi para Campo Grande e ficou 18 dias internado, daí a outra pessoa que pegou a gente cuidou lá mesmo, isolando lá mesmo e o outro veio para a cidade e ficou isolado mas também na casa, mas quem ficou mais ruim foi ele mesmo, então eu não tenho essa visão que a gente está protegido”.

**Entrevistada F** – “Eu não me sinto tão protegida [...] eu tive contato com muitas pessoas, principalmente na região das fazendas, muitas pessoas pegaram e tem fazenda todos pegaram. Outras fazendas fecharam, passaram cadeado na porteira e você não podia nem entrar, se você entrasse tinha que ser bem protegido, para eles poderem estar autorizando sua entrada. [...] Sim, tive contato com várias pessoas ao longo desse tempo e até agora e graças a Deus eu tenho conseguido me manter protegida”.

Com relação à pandemia da Covid-19, 50% das entrevistadas afirmam que se sentem mais protegidas morando em área rural e 50% dizem que não e narram que em algumas fazendas todos os funcionários tiveram o vírus. Nenhuma das entrevistadas relatou de ter se infectado pela Covid-19.

Quando perguntado “*O que você entende do porquê da pandemia de Covid-19 para o mundo em pleno século XXI?*” as participantes responderam que:

**Entrevistada A** – “É um assunto bem complexo. Eu acho que deve ter sido um vírus que escapou, uns falam que é lá da China. [...] Eu estou com 70 anos e as pessoas com mais idade, nunca passaram por uma situação dessa. Eu acho que é muito veneno que usam, muito agrotóxico, muito medicamento, sei lá, as pessoas ficam propensas, menos resistentes para pegar vírus. É a mesma coisa de uma planta, se você não cuida ela pega fungo, o vírus eu acho

que é a mesma coisa, menos resistência, porque a resistência do organismo é tudo. E vou te falar, daqui para frente vai surgir cada vez mais, eu acho, você entendeu, sempre vai aparecer uma nova cepa”.

**Entrevistada B** – “Como eu vejo isso? Você pode falar que sou louca, mas eu acho que isso aí foi o próprio ser humano criando isso. Daí saiu do controle sabe, saiu do controle sabe, na minha opinião, penso que foram os doutores lá da China. Eu falo que foi criação do ser humano [...] escapou, é tipo aqueles filmes que você assiste que, é tipo de cientistas, então eu falo que foi isso”.

**Entrevistada C** – “Ah a pandemia em geral eu vi várias reportagens, de como aconteceu, de onde surgiu, uns falam que surgiu da China, mas muitos falam que surgiu da Rússia, que foram eles que fizeram. Eu acho que tem essa questão econômica, se foi a Rússia ganhou muito, se foi a China ganharam também, porque todo mundo comprou deles [...] eu acho que é questão financeira, o mundo ficou bem do lado financeiro, quem é rico enriqueceu e quem é pobre empobreceu mais ainda, acho que é muita politicagem, muito dinheiro mesmo”.

**Entrevistada D** – “Ah, eu acho que essa pandemia foi pensada por alguém. Não sei se a mídia mente, mas disseram que esse vírus foi criado lá na China, porque esse país queria se alavancar financeiramente, que estava sem recursos e criou esse vírus, expandiu e jogou para o mundo todo. Assim, o mundo todo tinha que comprar o insumo com eles, eles que vendiam as máscaras, eles fizeram o comércio deles virar. Enquanto isso, eles venderam tudo, só eles que tinham tudo, os insumos das vacinas e outras coisas. Enquanto eles fizeram o comércio deles, girar, aumentar, as vidas iam se ceifando. Eu acho que essa pandemia é um tipo de uma guerra fria, porque atingiu a todos. Não escolheu, tipo vamos pegar só ali daquele lado norte do mapa e lá no sul não, foi assim, jogado no mundo inteiro, então eu acho que alguém pensou nisso, pensou nisso com uma maldade tão grande né, uma ruindade tão grande”.

**Entrevistada E** – “Eu acho que evoluiu muita coisa, mas acontecer uma coisa assim. A gente não ter o controle, demorar para ter uma vacina, demorar ter um recurso e com essa demora, muitas vidas se foram”.

**Entrevistada F** – “Eu tenho uma opinião meio controversa. Porque eu não sou extremista. A primeira reportagem sobre esse vírus foi em setembro de 2019. Surgiu a questão que foi falado do vírus a primeira vez. As pessoas nem ligaram, porque o vírus estava na China. Antes a gente podia culpar o frango, o porco, qualquer bicho, por ser o transmissor né, dessa vez não, dessa vez é o próprio ser humano o transmissor de um vírus letal. Em alguns casos, o governos preferiram ter carnaval né, mesmo sabendo que tinha esse

vírus e foi se criando uma bola de neve. [...] Não é uma questão de governo, as pessoas precisam ter a consciência de que precisam se cuidar. Sobre a vacina a gente sabe que está servindo de cobaia, porque não foi testado, não deu tempo de testar. Esse vírus ele veio para mostrar que nós somos mais frágeis do que nós imaginávamos”.

Por ser uma pergunta que gera questionamentos, as entrevistadas narram o acesso a informações que foram veiculadas e relatam suas opiniões sobre o assunto perguntado, em que foi demonstrado na fala delas uma falta de confiança no ser humano (vírus ser criado), nos governantes (escolhas que visavam lucro financeiro e a não proteção as vidas) e nos cientistas (demora em fabricar vacinas ou outra forma de proteção a vida).

## **Conclusão**

Os achados do estudo demonstraram pelas narrativas das entrevistadas o desafio de morar e trabalhar no pantanal, que elas possuem conhecimento sobre saúde mental (a presença de transtornos mentais, *e.g.*, depressão, ansiedade, estresse), afirmam ser a família muito importante para o tratamento e acreditam ser a mulher a ter mais problema na saúde mental.

As narrativas das entrevistadas demonstraram que as transformações do mundo contemporâneo também afetaram o ambiente rural e trouxeram importante melhora para a região do pantanal de Aquidauana, com fornecimento de rede elétrica, com mudanças advindas da tecnologia (as fazendas contam com acesso à telefonia celular, internet via satélite, a canais de televisão com o uso de antenas parabólicas) entre outras não citadas por não ser o objeto desta pesquisa. Entretanto, muitos desafios ainda persistem como as oportunidades adequadas de acesso a saúde, educação e aos centros urbanos, com disponibilização de meios de transportes público.

Desse modo, este estudo pretendeu dar visibilidade a estas moradoras e trabalhadoras, visto que como a literatura tem demonstrado, elas representam uma parcela da população pouco visível e com muitas vulnerabilidades sociais. Entre as limitações do presente estudo está o

fato de ser de corte transversal. Por fim, sugere-se que outras pesquisas sejam realizadas com mulheres pantaneiras, para que possam ser feitas futuras comparações específicas das necessidades delas, visando à promoção e prevenção em saúde mental.

## Referências

ALVES, E. S.; FRANCISCO, A. L. Ação psicológica em saúde mental: uma abordagem psicossocial. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 2009, 29 (4), 768-779.

BANDUCCI JUNIOR, A. **A natureza do pantaneiro**: relações sociais e representação de mundo no "Pantanal da Nhecolândia". Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007.

BÁRBARO, A. M. *et al.* Transtornos mentais relacionados ao trabalho: revisão de literatura. **SMAD**, Volume 5, Número 2, Artigo 07, 2009.

BARBOSA, J. O. F. **Narrativas orais**: performance e memória. Dissertação. Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia. Universidade Federal do Amazonas, Manaus: UFAM, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. **O que é uma pandemia**. Fundação Fiocruz, Rio de Janeiro, 2021.

BUENO, H. P. V. **Fatores de riscos psicossociais em professores de escolas pantaneiras**: relações com transtornos mentais comuns e estresse ocupacional. Tese. Doutorado em psicologia. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2017.

COSTA, M. Da G. S. G.; Dimenstein, M. D. B.; Leite, J. F. Condições de vida, gênero e saúde mental entre trabalhadoras rurais assentadas. **Revista Estudos de Psicologia**, 19 (2), 89-156, 2014. DOI: 10.1590/S1413-294X2014000200007

CUSTÓDIO, R. C. Narrativas de memórias e a pesquisa em história da educação. **IX ANPED SUL – Seminário de pesquisa em educação da região sul**, 2012.

DANTAS, G. *et al.* Prevalência de transtornos mentais menores e subdiagnóstico de sintomas depressivos em mulheres na atenção primária. **Revista HCPA**, 31 (4), 2011.

DELGADO, L. A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, Vol. 6, p. 9-25, 2003. DOI: <https://doi.org/10.51880/ho.v6i0.62>.

FERREIRA, B. C. Memória, tempo, narrativas. **Política e Trabalho**, Vol. 12, 2010.

FURTADO, F. M. S. F. *et al.* Transtornos mentais comuns em mulheres de cidades rurais: prevalência e variáveis correlatas. **Revista Saúde e Pesquisa**, Maringá, PR, 12(1): 129-140, jan.-abr., 2019. ISSN 2176-9206

GUIMARÃES, L. A. M. *et al.* Qualidade de vida e aspectos de saúde em trabalhadores pantaneiros. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro, 70(2): 1-17, 2018.

LOURENÇO, B. S. *et al.* Atividade física como uma estratégia terapêutica em saúde mental: revisão integrativa com implicação para o cuidado de enfermagem. **Escola Anna Nery**21(3), 2017.

MARCON, S. S. *et al.* Vivência e reflexões de um grupo de estudos junto às famílias que enfrentam a situação crônica de saúde. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 14 (Esp.):116-24, 2005.

NOGUEIRA, A. X. **Pantanal**: homem e cultura. Campo Grande, MS. Editora UFMS, 2002.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Depressão**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/depressao>

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Governo do Mato Grosso do Sul e OPAS elaboram plano de ajuste de medidas não farmacológicas no estado**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/12-6-2020-governo-do-mato-grosso-do-sul-e-opas-elaboram-plano-ajuste-medidas-nao>.

RIBEIRO, M. A. dos S. **Entre os ciclos de cheias e vazantes a gente do Pantanal produz e revela geografias**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas, SP, 2014.

ROCHA FILHO, J. F. **Atividades turísticas e cultura na paisagem pantaneira dos municípios de Aquidauana e Corumbá no estado do Mato Grosso do Sul, Brasil**. Tese. Doutorado. Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, SP, 2015.

SENICATO, C.; AZEVEDO, R. C. S.; BARROS, M. B. A. Transtorno mental em mulheres adultas: identificando os segmentos mais vulneráveis. **Ciência & Saúde Coletiva**, 23 (8): 2543-2554, 2018.

SILVA, B. I. B. M. *et al.* Produção da psicologia no Brasil sobre mulheres rurais: revisão sistemática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; Rio de Janeiro, 71 (2): 163-178, 2018.

SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG, 2010.

VINUTO, J.A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Gender and mental health**. Geneva, 2002.

Artigo apresentado em: 24/09/2023

Aprovado em: 25 /03 /2024

Versão final apresentada em: 23/03 /2024